



APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DA LUDICIDADE NA ALFABETIZAÇÃO

Amanda Oliveira Pacheco¹

Natiele da Silva Souza²

O seguinte relato descreve e analisa a experiência de acadêmicas do curso de Pedagogia do Centro Universitário da Região da Campanha em Bagé (RS) nas atividades do programa de Residência Pedagógica fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES. As atividades em tela incluíram a utilização de jogos pedagógicos com a finalidade de contribuir para a aprendizagem de alunos de 3º e 4º ano, com dificuldades na alfabetização, estudantes da Escola Estadual Félix Contreiras Rodrigues. Foram atendidos educandos que não conseguiam acompanhar as lições da sala de aula e, portanto, necessitavam de um atendimento individual e orientado.

Trata-se, portanto, de um relato sobre a observação do grupo e a construção de jogos para atender os discentes nas suas demandas de alfabetização, para as quais receberam atendimentos por grupos ou individualmente, garantindo a maior eficácia deste projeto. Tal necessidade se alinha com a finalidade do trabalho realizado, cujo objetivo é alavancar a aprendizagem daqueles que precisam de atenção especial e de atividades distintas das tradicionais para desenvolver a linguagem e a escrita.

Para alcançar o objetivo, foram utilizadas práticas lúdicas envolvendo jogos produzidos pelas acadêmicas, com foco na construção da escrita. Inicialmente realizaram-se observações nas turmas de 3º e 4º ano para que fosse possível conhecer os alunos e seus níveis. Durante as observações, foram identificadas suas dificuldades e níveis (pré-silábico, silábico e alfabético), assim foi analisada também a escrita de cada um. Este primeiro contato de observação foi essencial para dar início à produção de atividades e planos de aulas baseados nas defasagens de cada aluno, com o auxílio de residentes que estão em fase final de graduação, propondo formas e utilizando metodologias adequadas e inovadoras para solucionar o problema encontrado.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário da Região da Campanha em Bagé (RS). E-mail amandaoliveirap19@gmail.com

² Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário da Região da Campanha em Bagé (RS). E-mail souzanatiele22@gmail.com



Os alunos, em sua maioria, apresentam dificuldades na escrita, leitura ou até mesmo na socialização em grupos, onde necessitam expor suas ideias, críticas, compartilhar os seus conhecimentos e dúvidas. Então, de uma forma divertida e não convencional buscou-se a superação destes desafios, a fim de que dominassem a leitura e a escrita, bem como se tornassem capazes de se posicionar como cidadãos.

As práticas começaram com a utilização do alfabeto móvel para o reconhecimento das letras e criação de outras possibilidades de escrita. No decorrer das atividades foi aumentado gradativamente o grau de desafios para os alunos, com o objetivo de instigar a sua aprendizagem e ampliar sua visão, por meio de contação de histórias, criação de releituras, confecção de palitoches, janela literária, cantigas lacunadas (completar os espaços da letra da música), interpretação textual e ditados com diferentes temas, como ditado musical, nome de imagens, personagens da história, palavras complexas, frases enigmáticas, etc.

Buscou-se uma sequência de atividades desencadeadoras para dar seguimento às ações do projeto. Também foram utilizados jogos lúdicos do *site Psicosol*, para divertir as aulas. Neste site há diversas possibilidades de ensino por meio de jogos de tabuleiro, criação de frases através de imagens, jogos com dados e até rimas para que os alunos possam ler e identificar onde está a parte rimada. Foram explorados os gêneros literários para diversificar e criar possibilidades à imaginação de cada um, e a partir de então, iniciou-se a exploração das sílabas e palavras e, como consequência, foram surgindo novas ideias para auxiliar no aprendizado destes alunos, possibilitando a criação de jogos através das práticas feitas com eles. Nestas atividades, buscou-se aprimorar o aprendizado de forma diferente e inserir também brincadeiras nos planejamentos. Foi utilizado material reciclável para fazer trilhas pedagógicas, dominó gigante com papelão e boliches com garrafas pet. Também foi realizado trabalho com a musicalização, ritmos e coreografias, como Amarelinha africana, Amarelinha diferente pé, mão e pé.

Durante este período, as acadêmicas estiveram atentas a qualquer reação contrária ao esperado, pois atuando em particularidade com os alunos, foi possível analisar seu desenvolvimento e retrocesso. Observou-se, então, a evolução de alguns e também a dificuldade de armazenamento de outros, o que levou à alteração das práticas em aula, buscando-se retomar o que havia sido dado no início do dia e na aula anterior. Assim, antes de avançar nas atividades, era possível ter a certeza que aquele aluno conseguiu obter o conhecimento esperado e não apresentaria dificuldade no avanço para as próximas atividades, diferenciando da situação observada na sala de aula, onde os mesmos faziam as atividades propostas mas não apresentavam um aprendizado efetivo.

Conforme expressado anteriormente, os alunos que apresentaram dificuldade na aprendizagem também tinham dificuldade de se expressar. Por isso, iniciou-se um trabalho de socialização no grupo, incentivando-se a exposição de trabalhos e as leituras para os colegas, a fim de que os alunos conseguissem dividir suas opiniões com respeito e empatia, lembrando o dito por Paulo Freire (1996), de que os professores precisam ser mediadores e facilitadores da autonomia dos alunos. Segundo o educador, de nada adianta o foco nos conteúdos sem uma análise da realidade e dos problemas que a criança enfrenta, e assim notou-se que a maioria delas eram bem tímidas e isso atrapalhava muito a aprendizagem devido à vergonha de perguntar e expor o que não sabiam, de forma que a dúvida muitas vezes impossibilitava seu aprendizado.

Com este olhar mais amplo, as acadêmicas trabalharam com apresentações de histórias, cantigas e rimas, para que os pequenos alunos entendessem que “errar não significa não saber”, que todos são iguais, mas que cada um tem um tempo diferente tanto para ler, quanto para falar e expor suas ideias. O objetivo não era só auxiliar na alfabetização, mas também facilitar suas vidas, desenvolvendo outros aspectos que são de extrema importância para o ser humano, como a compreensão, o desenvolvimento da linguagem, da escrita e da coordenação.

Então, o homem criou um código, ou seja, a escrita passou a ser um código utilizado para registrar e comunicar essa história. Esses primeiros registros eram rústicos e evoluíram com o passar dos tempos, até chegar à criação do alfabeto. Essa evolução partiu dos desenhos, organizou-se em hieróglifos, até chegar ao código alfabético que você conhece (BEM, KUCYBALA, 2018, p.14).

Assim, em sala de aula, a maioria dos alunos conseguiu decifrar esses códigos de compreensão leitora, mas nem todos os códigos usam o mesmo método todos os dias, e nem sempre o método é eficaz diante das dificuldades e problemas que surgirão. Assim, os professores acabam buscando outras formas de auxiliar seus alunos, utilizando atividades lúdicas para suprir essas necessidades e favorecer a compreensão.

Quando se fala de alfabetização, encontram-se várias situações desafiadoras, pois muitos são os obstáculos a se vencer até que uma criança consiga chegar no nível alfabético e, por mais que se tenha entendido que essa criança ainda não tenha alcançado tal nível, não se pode negar o fato de que ela chega à escola com uma leitura própria do mundo:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas e importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p.23).

Além de questões emocionais e intelectuais, não podemos esquecer o quanto a relação familiar que o educando tem em sua casa é de grande influência sobre seus comportamentos nesta etapa

de sua vida. Sabe-se que a primeira sociedade em que a criança tem contato é sua família, de acordo com Pereira (2008, p. 43),

A família é considerada a instituição social básica a partir da qual todas as outras se desenvolvem, a mais antiga e com um carácter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1984, refere a família como o elemento de base da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros.

Portanto, o professor, para dar seguimento nas suas propostas, tem que conhecer as dificuldades dos seus alunos, conhecer como será o retorno, tendo a flexibilidade e respeitando o limite de aprendizagem de cada um, seguindo a lista de competência gerais da BNCC, que defende que as crianças e jovens devem desenvolver conhecimento de “[...] cunho mais cognitivo, como conhecimento e argumentação, no socioemocional, como autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, responsabilidade e cidadania e trabalho, projeto de vida” (CAVALCANTI, 2023, p.22).

Através da análise das práticas aplicadas, observou-se o avanço dos alunos em relação ao seu aprendizado, o que foi bastante satisfatório, pois percebe-se que através do erro é possível fazer a correção: quando se pronuncia errado, tende-se a escrever errado, então os alunos receberam a orientação necessária, por meio de atividades lúdicas, oportunizando uma pronúncia correta, na medida em que se dialogava com a escrita e com a utilização da linguagem em diversas situações. Tal prática destacou bons resultados inclusive com aqueles alunos que tinham medo de errar ou de dividir os seus conhecimentos, pois as atividades lúdicas proporcionaram além do conhecimento, mais confiança. Assim, entende-se que todos, acadêmicos e alunos, aprenderam uns com os outros.

O Projeto Residência Pedagógica apresentou diversas situações que oportunizaram experiências e aperfeiçoamento para as acadêmicas que em breve adentrarão as salas de aula como professoras titulares. Na fase final de suas formações acadêmicas, os conhecimentos, teorias e pesquisas começaram a fazer sentido na prática, principalmente pela possibilidade de estarem responsáveis e conduzirem o aprendizado do grupo de alunos, utilizando-se de pesquisas para desenvolvimento de planos de aulas qualificados e para a aplicação de metodologias que se adaptem melhor aos educandos. Para os residentes, este projeto é de grande relevância. Como já estão finalizando o curso, a experiência de propor planos de aula inovando com ludicidade é valorosa. A responsabilidade foi maior e isto proporcionou a possibilidade de entrega das atividades desenvolvidas com excelência.

Palavras-chave: Aprendizagem, Ludicidade, Alfabetização.

REFERÊNCIAS

BES, Pablo; KUCYBALA, Fabíola S.; FREITAS, Glória. **Alfabetização e letramento**. Minha biblioteca, Grupo A, 2018. *E-book*. ISBN 9788595024656. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595024656/> Acesso em: 22 jul. 2023.

CAVALCANTI, Carolina C. **Aprendizagem socioemocional com metodologias ativas: um guia para educadores**. Editora Saraiva, 2023. *E-book*. ISBN 978658795:8088. Acesso em 24 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SITE CLUBE PSICOSOL. **Jogos Lúdicos para alfabetização**. Blumenau- SC, 2023. Disponível em: <https://psicosol.com/>

WIECZORKIEWICZ, Alessandra Krauss; BAADE, Joel Haroldo. Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação para a vivência em sociedade. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 20, 2 de junho de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/19/familia-e-escola-como-instituicoes-sociais-fundamentais-no-processo-de-socializacao-e-preparacao-para-a-vivencia-em-sociedade> Acesso em 24 jul. 2023.